

PROVOCAÇÕES QUEER NA DANÇA DE SALÃO – DESESTABILIZANDO MODOS DE SE FAZER DANÇA

Paola de Vasconcelos Silveira

Doutoranda Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

pavasconcelos.14@gmail.com

Arte e Ativismo

RESUMO: A proposta desse texto visa abordar a experiência desenvolvida na dança de salão queer como provocação para se repensar os padrões instaurados no contexto tradicional dessa prática. Ela faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento no PPGAC/UNIRIO. A partir desse universo estruturado que se encontrava a dança de salão, eu, enquanto mulher, praticante e pesquisadora, passei a questionar o sistema de condução presente nessa dança. Nesse sentido, optei por abordar a comunicação a dois na dança de salão sob o viés de diálogo. Encontrando ressonância no movimento Queer na dança, já existente na prática do tango. A potência político-estética dessa proposta reside nesse diálogo constante, e o não estabelecimento de uma norma pré-estabelecida como é o caso da dança de salão tradicional. Nessa forma de dançar o praticante irá optar dentre as possibilidades, qual a forma de dançar que melhor lhe convém. A meu ver, essa proposta de dançar, subverte algo central na lógica tradicional. Sendo uma das grandes contribuições de modificações de uma realidade instaurada na dança de salão, provocando uma desestabilização em um modo de fazer dança fixado em padrões heteronomartivos e falocentristas.

PALAVRA-CHAVES: Dança de Salão Queer; Dança de Salão; Condução; Diálogo

A presente comunicação tem por objetivo abordar a experiência desenvolvida como docente/praticante de uma dança de salão queer como provocação para se repensar os padrões heteronormativos instaurados no contexto tradicional dessa prática. Começo então partindo da leitura do texto “O que é a realidade?” (1994) de João Francisco Duarte Junior, indagando qual seria a realidade edificada no universo da dança de salão tradicional. Poderíamos pensar na realidade como aquilo que é dado como inerente ao existir, ou seja, o real é o terreno firme que sustentaria o nosso cotidiano como traz DUARTE JR (1994). Todavia, por ser algo tão imbricado na maneira como vemos e pensamos o mundo, esse termo acaba muitas vezes sendo negligenciado pelos pesquisadores. O autor destaca que é importante pensarmos na pluralidade dessas realidades visto que o mundo se revela de um jeito ou de outro conforme a nossa intenção. Outro elemento importante de reflexão é que a realidade não é instaurada e pronta, muito pelo contrário, nós humanos seríamos os edificadores dessa realidade, pois estaríamos construindo o mundo constantemente.

Contudo como traz João Francisco Duarte Junior (1994) o paradoxo está nesse conflito de não nos sentirmos apropriados desse lugar de construtores, e sim submetidos a uma realidade conduzida por um sistema de forças naturais e sociais. Dessa forma, é relevante pensarmos que a realidade de uma prática de dança específica se constitui porque seus próprios praticantes arquitetam, ou seja, não é algo que é datado e já estava ali. Sendo assim, já podemos começar a pensar que a construção do contexto de dança de salão tradicional foi sendo elaborado ao longo do tempo com uma determinada intenção, e como a maioria das elaborações sociais, registradas sob uma perspectiva masculina.

A dança de salão pode ser definida segundo Maristela Zamoner como “a arte conservacionista que se universaliza em práticas sociais, não cênicas, nem esportivas, consistindo na interpretação improvisada da música através dos movimentos dos corpos de um casal independente, quando o Cavalheiro conduz a Dama” (2013, p. 38). Sobre essa afirmação podemos perceber que a estrutura que baseia o ensino dessa prática está ligada a um contexto histórico, no qual os bailes eram espaços de convivência social entre homens e mulheres, onde a cultura patriarcal, centrada no homem, prevalece como perspectiva norteadora.

Na minha experiência como dançarina e professora de dança de salão, já presenciei muitos colegas reiterando noções dentro dessa prática extremamente machistas. Frases como “na dança quem manda é o homem”; “a mulher não deve fazer nada, apenas quando o cavalheiro dar o espaço para o enfeite”; “a mulher deve ser sensual e embelezar e o homem é quem projeta e constrói a dança”. Esses são alguns dos discursos reproduzidos no ensino e disseminação dessa prática, todos eles pressupõem que para qualquer dança de salão acontecer é necessário que haja uma condução. A condução, como relatada anteriormente, é papel exclusivo do cavalheiro, mais especificamente o homem, e mesmo que uma mulher queira conduzir ela deverá seguir os movimentos pré-estabelecidos da categoria de cavalheiro. Sendo assim, a institucionalização do princípio de condução no ensino/prática da dança de salão é um sistema de manutenção dessa realidade, garantindo assim a centralidade desse dançar na figura do homem. O autor João Francisco Duarte Junior coloca que “O estabelecimento de papéis, isto é, de modos padronizados de comportamento, já é um primeiro instrumento protetor de que se valem as instituições a fim de se preservarem” (1994, p.57), ou seja, quando se estabelece

o que cabe ou não ser feito na dança de salão isso passa a ser uma normativa de controle dessa realidade instaurada. Retirando a possibilidade que outras condutas que surjam de outros desejos precisem ser repreendidas.

O ponto que me mobiliza nesse texto é refletir quais são essas implicações geradas dentro desse universo quando novos modos de dançar ganham espaço e são legitimados através de seus adeptos, passando a ser vistos por aqueles que dançam sob uma perspectiva tradicional, como ameaça a manutenção da dança de salão. Todavia, o que está sendo confrontado não é a existência do dançar a dois, mas esse sistema de condução centrado na definição de papéis de gênero o qual coloca o homem como dominante perante a mulher que se torna passiva em frente as escolhas dele.

Destaco, que paralelo a esse movimento extremamente tradicional, a cada ano o número de propostas que vem questionar essa realidade aumenta, seja academicamente ou nas escolas de dança, como é o meu caso ao propor uma alternativa através da dança de salão queer. Porém há outras propostas sendo repensadas por professoras e professores pelo Brasil como é o caso da Carolina Polezi de Campinas, Mírian Strack e Samuel Samways de Belo Horizonte e a Brigitte Witner do Rio de Janeiro.

DANÇA DE SALÃO QUEER

A partir desse universo estruturado que se encontrava a dança de salão, eu, ao longo do tempo, como professora e praticante passei a tentar encontrar linhas de fuga para pensar e praticar essa dança. Essa sistematização do dançar baseada no princípio de condução, a qual vem atrelada a delimitação de papéis na dança pelo gênero, foi algo que passou a ser um desconforto e uma

provocação na minha trajetória. No início como uma inquietação pessoal enquanto mulher, vendo como meu corpo se comportava durante esse dançar, estando atenta que haviam atravessamentos que perpassavam aquela dança e que iam além desse padrão.¹ No segundo momento também houve um amadurecimento dessa pesquisa quando passei a pensar como ensinar através de um outro modo de pensar esse dançar.

O movimento queer no tango surgiu em 2005 e foi introduzido pela pesquisadora Mariana do Campo e seus colaboradores, e cada ano vem ganhando mais visibilidade. Cada vez mais praticantes, festivais, publicações e discussões contribuem para o crescimento e a produção do universo Queer. A pesquisadora assim define o tango Queer:

um espaço aberto para todo mundo. Ponto de encontro para socializar, trocar, aprender e praticar - descobrindo outras formas de comunicação. Não é levado em conta nem sua orientação sexual nem o papel que você escolhe. (DOCAMPO, 2015, p. 13)

Essa perspectiva na dança abre espaço para que duas pessoas da mesma identidade de gênero possam dançar juntas, mas não se limita a essa característica – apesar de ser bastante inusitada no contexto da dança de salão. A proposta também busca a fluidez dos papéis no dançar a dois, ou seja, durante a dança passa a ser possível vivenciar o estado de proponente e proposto/receptor-ativo quantas vezes se desejar. Sendo assim, a busca se dá por novas possibilidades de comunicação a dois, e não apenas por um formato específico. Assim como descreve Maria Mercedes Liska:

¹ SILVEIRA, Paola Vasconcelos. **Diálogos de um ser a dois:** uma nova perspectiva para dançar tango. 2012. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67881>>.

Se concibe que al poner sobre la escena la individualidad de los cuerpos se genera una tendencia hacia la modificación del baile propiamente y el disparador nace de las diversas combinaciones de la pareja (hombre-hombre, mujer-mujer, mujer que guía a um hombre, etc.) que profundizan la creación efímera del baile en la milonga. A su vez, el intercambio de roles del tango *queer* se estructura con la posición del abrazo más abierta que otorga el tiempo necesario para reconocer la transición del cambio de rol. (2009, p. 47)

É extremamente importante destacar que não há uma regra pré-estabelecida como na dança de salão tradicional. Nessa forma de dançar o dançarino irá optar dentre as possibilidades, qual a forma de dançar que melhor lhe convém independente de seu gênero ou orientação sexual. Todavia, é preciso que o praticante tenha condições de dançar sob esse viés, e ao invés da fragmentação do ensino dos movimentos presente na dança de salão tradicional, onde homens e mulheres aprendem movimentos diferentes, aqui o ensino se estabelece de maneira globalizada e independente do gênero. Durante a dança os papéis daquele que propõem e é proposto são invertidos, há às vezes a demarcação visual dessa troca através do abraço, que pode ser alterado na dança de acordo com o agenciamento dos dançarinos, quantas vezes os mesmos desejarem. Essa troca entre proponente e proposto pode ainda ocorrer através de outros movimentos corporais, como interrupção de uma proposta ou troca de direção espacial durante o movimento a dois, sem necessariamente demarcar a inversão do abraço. Apesar de metodologicamente eu considerar a inversão do abraço um procedimento de extrema importância, especialmente no ensino de iniciantes. Afinal esse código estabelece um jogo de transição clara entre esses estados de propor e ser proposto, sendo uma possibilidade interessante para aqueles que estão iniciando a prática de dança de salão.

A meu ver, a proposta de dança queer, seja ela no tango ou em outra dança como no forró por exemplo, subverte algo central na lógica tradicional. Sendo uma das grandes contribuições de modificações de uma realidade instaurada na dança de salão, é um respiro que provoca outros espaços de se propor o dançar.

Não se pretende apenas ser uma diferença tolerada e exótica em contraponto a dança de salão tradicional, e sim provocar através dessa forma de dançar a produção de diferenças que desestabilizam a anterior, contrapondo como se estabelecem essas relações entre uma e outra e todas as implicações políticas que constituem esse jogo. Para tanto, esse dançar não tenciona constituir um modelo, um formato único ou ainda uma única realidade que contraponha a anterior; ela está mais engajada em um constante processo de provocação com os códigos tradicionais da dança de salão, em que se experimenta certezas provisórias de se comunicar com o outro na dança. Aqui não está em questão apenas definir ou redefinir papéis, mas pensar realmente em uma dança que surja entre os corpos, onde ambos são protagonistas desse encontro, não havendo a sobreposição de um sob outro.

Referências

CAMPO, Mariana do. What is Queer Tango? In: HAVMOELLER, Birthe; BATCHELOR, Ray; ARAMO, Olaya (Ed.). **The Queer Tango Book: Ideas, Images and Inspiration in the 21st Century.** [sem local]: Copyright, 2015. p. 13-18. Disponível em: <Queertangobook.org>. Acesso em: 12 set. 2016.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é Realidade.** Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.

LISKA, María Mercedes. *El cuerpo en la música.: La propuesta del tango queer y su vinculación con el tango electrónico.* **Boletín Oñteaiken**, Córdoba, n. 8, p. 45-52, out. 2009. Disponível em: <<http://onteaiken.com.ar/ver/boletin8/2-1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

STRACK, Míriam Medeiros. **DANÇA DE SALÃO: Cartografia de uma abordagem feminista.** 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Pós-graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ZAMONER, Maristela. **Dança de Salão: conceitos e definições fundamentais.** Quatro Barras, PR: Editora Protexo, 2013. 122 p